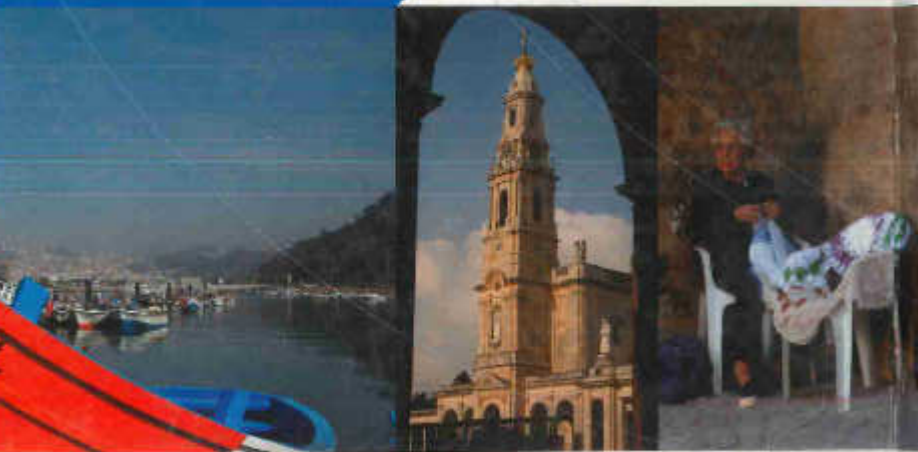




Pensar a Região de Leiria

Pensar a Região de Leiria



908
LEI
49
A



Actas do congresso pensar a região da Leiria



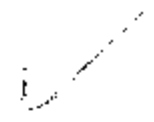
Projecto de investigação

identidade[s] e diversidade[s]

As linhas com que se cosem as pertenças

908 / 11.21 / 2005

Ricardo Vieira (coord.)



Actas do Congresso "PENSAR A REGIÃO DE LEIRIA"

Edição compartilhada por
ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria
IPL – Instituto Politécnico de Leiria
Governo Civil de Leiria

Título: Actas do Congresso "Pensar a Região de Leiria"
Coordenador: Ricardo Vieira
© 2005, Escola Superior de Educação de Leiria e autores
Revisão: Maura Mendes
Edição: Escola Superior de Educação de Leiria e Edições Afrontamento
ISBN Edições Afrontamento: 972-88-0751-4
ISBN Escola Superior de Educação de Leiria: 972-95207-2-0
Depósito legal: 220289/04
Execução Gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
Janeiro de 2005



Edições Afrontamento
Escola Superior de Educação de Leiria

Voavam. Mas havia no seu voo
Tanta incerteza, que pousavam logo,
O coração cansado já sem fôlego.

("Historiazinhas de Pardais")

António Luís Moita

AMBIENTE CÁRSICO, UM TERRITÓRIO SINGULAR

Mário Oliveira

Nuno Carvalho

Geólogo

Antropólogo

Oikos – Associação de Defesa do Ambiente
e do Património da Região de Leiria

Oikos – Associação de Defesa do Ambiente
e do Património da Região de Leiria

Os ambientes calcários (cársicos) – como, por exemplo, o Maciço Calcário Estremenho – revelam uma singularidade ímpar quando estudados em termos geológicos, morfológicos, ambientais, paisagísticos, sociais, culturais e patrimoniais, com influências determinantes no modo de vida das populações que os habitam, fornecendo contributos essenciais para a definição espacial dos territórios que abrangem.

A identidade cultural de um povo está intimamente ligada ao seu património natural, no sentido de que a cultura é, em parte, fruto das respostas do homem ao meio em que habita. Assim, o património natural está intimamente relacionado com o património construído e com o património cultural, pelo que pode considerar-se que a identidade cultural de um povo e de um território assenta nos seus "patrimónios". No caso das populações do Maciço Calcário Estremenho, constata-se que a sua cultura está intimamente relacionada com a rocha calcária que predominantemente o compõe, tantos são os vestígios do seu uso, considerando mesmo alguns autores a existência de uma *cultura da pedra*.

O Maciço Calcário Estremenho, eventualmente o mais importante conjunto calcário português devido ao diversificado conjunto de formas estruturais, erosivas e cársicas que apresenta, é constituído por um bloco de calcários jurássicos, onde predominam os calcários pertencentes ao Dogger (Jurássico Médio), que se erguem por meio de imponentes falhas geológicas acima de áreas que se situam a cotas de aproximadamente 200 metros. Secundariamente, são ainda abrangidas formações modernas, detríticas e de "terra rossa", nos vales e depressões fechadas.

Diferenciam-se no maciço três sub-unidades, correspondentes a estruturas elevadas: a Serra dos Candeeiros a Oeste, o Planalto de Santo António ao Centro e Sul, e o Planalto de S. Mamede e a Serra de Aire a Este. Estas sub-unidades estão separadas por três depressões originadas por grandes fracturas: a depressão da Mendiga separando a Serra dos Candeeiros do Planalto de Santo António, o polje de Minde-Mira e a depressão de Alvados que marcam uma fronteira entre o planalto de Stº António e o Planalto de Mamede/Serra de Aire.

No maciço, cuja individualidade está bem marcada do ponto de vista estrutural e morfológico, ressalta um conjunto de formas cársicas que constituem um importante

património natural, resultantes na sua maioria de fenómenos erosivos que atingiram a rocha calcária:

- as depressões cársicas, como os poljes, as dolinas, e as uvalas;
- as formações resultantes de *carsificação de superfície*, como os lapiás;
- as formações resultantes de *carsificação profunda*, como as grutas e os algares.

Neste conjunto litológico deve ainda salientar-se a existência de imponentes escarpas de falha, resultantes do longo e complexo conjunto de processos orogénicos que estiveram na base da elevação deste maciço calcário.

As suas características climáticas, geomorfológicas, e também a intervenção do homem ao longo de séculos, contribuíram, e continuam a contribuir, para a existência de diversos biótopos de que são exemplo a floresta (carvalhais), os matos, o garrigue, as escarpas, os campos agrícolas (olival associado a culturas arvenses) e as zonas húmidas. Esta diversidade de habitats favorece, naturalmente, a existência de uma fauna abundante e de grande riqueza.

No que respeita à flora, os estudos desenvolvidos comprovam a sua diversidade e importância, conhecendo-se cerca de seis centenas de espécies, entre as quais vários endemismos lusitanos, ibéricos e ibero-norteafricanos. Um elevado número de plantas apresentam características aromáticas e medicinais, conferindo a esta região cársica elevadas potencialidades neste domínio, no contexto nacional.

As formações vegetais naturais predominantes no passado terão sido de carvalho-cerquinho (*Quercus faginea* L.) e cobriam as áreas mais húmidas, a par de algumas manchas de azinheira e sobreiro nas áreas mais secas. Desta floresta inicial restam hoje pequenas manchas na base das encostas ou indivíduos isolados nos vales onde se instalou a agricultura. Os efeitos da acção humana, nomeadamente com o objectivo de aumentar a área agricultável, estão na origem do desaparecimento da floresta primitiva, dando origem a matos onde predominam o carrasco (*Quercus coccifera* L.) e o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.).

Assim, e fruto dum conjunto de interacções entre o homem e o meio, a paisagem do maciço apresenta um conjunto variado de associações vegetais de grande importância, destacando-se: carvalhais de carvalho-cerquinho (*Quercus faginea* L.); carvalhais de carvalho negral (*Quercus pyrenaica* Willd), que só ocorre na zona do Arrimal e representa um testemunho paleoclimático importante; manchas de azinhal; manchas de sobreiral; matagais.

Também do ponto de vista faunístico o Maciço Calcário Estremenho pode ser considerado como uma das áreas mais importantes na região centro-litoral do país. Quanto à avifauna são conhecidas cerca de 140 espécies de aves, 100 das quais nidificantes. O bufo real (*Bubo bubo*), o corvo (*Corvus corax*), o peneireiro comum (*Falco tinnunculus*), a coruja das torres (*Tyto alba*) e o andorinhão real (*Apus apus*) são algumas das espécies associadas às escarpas. Nas bolsas de carvalhal ainda existentes em torno dos campos agrícolas podem encontrar-se, entre outras espécies, o gavião (*Accipiter nisus*), o pica-pau-malhado-grande (*Picooides major*), o papa figo (*Oriolus oriolus*), o gaio (*Garrulus glandarius*) e a toutinegra real (*Sylvia atricapilla*). Os matos rasteiros

constituem locais de caça para a águia cobreira (*Buteo buteo*) e para o falcão tagarote (*Falco subbuteo*), podendo ainda encontrar-se, entre outras espécies, a carriça (*Troglodytes troglodytes*), o pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) e o rouxinol (*Luscinia megarhynchos*). Do conjunto da avifauna destaca-se a gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*), espécie em regressão, e que é um verdadeiro *ex-libris* regional, ocorrendo nos locais onde existe vegetação rasteira e esparsa, constituída principalmente por alecrim (*Rosmarinus officinalis* L) e tomilho (*Thymus sp.*), vulgarmente designada por garrigue (áreas de importância capital já que constituem também bons territórios de caça para alguma aves de rapina). Os campos agrícolas assumem também grande importância para a avifauna já que a eles se associa um conjunto avifaunístico mais diversificado, onde se destaca a rola (*Streptopelia turtur*), a poupa (*Upupa Epops*), a alvéola branca (*Motacilla alba*) e o tentilhão (*Fringila coelebs*), frequentes neste tipo de habitat. (Anexo I)

Os mamíferos registam também presença muito significativa, sendo de salientar importantes colónias de morcegos cujo habitat são as grutas e algares, fazendo-se representar por cerca de uma dezena de espécies (das 26 existentes em Portugal), quase todas ameaçadas. Outros mamíferos, como os pequenos roedores e o coelho bravo, também são abundantes. Estão ainda representadas algumas espécies de mamíferos predadores como a raposa, o toirão e o gato bravo, algumas das quais em igualmente em perigo.

A herpetofauna é, também ela, muito rica, sendo conhecidas 10 espécies de anfíbios (cerca de 60% das que ocorrem em Portugal). Ainda que a escassez de água à superfície, motivada pela fracturação e estrutura calcária do maciço, não seja propícia à ocorrência de grande número de anfíbios, a existência de lagoas e pias naturais, aliadas a uma grande variedade de cisternas e pias artificiais ligadas à ocupação humana, proporcionam condições favoráveis à permanência e reprodução destes animais. A existência de cavidades naturais (grutas) com um elevado grau de humidade proporciona refúgio da seca exterior a algumas espécies, como por exemplo ao sapo comum (*Bufo bufo*) ou à salamandra de pintas (*Salamandra salamandra*). A grande diversidade de biótopos e o seu bom estado de conservação parecem ser as causas para a existência de uma grande variedade de répteis, tendo sido detectadas até ao momento 13 espécies (cerca de 54% das que ocorrem em Portugal), assinalando-se a osga (*Tarentola mauritanica*), o sardão (*Lacerta lepida*), a lagartixa do mato (*Psammotromus algirus*), a cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*) e a víbora-cornuda (*Vípera latastei*).

A paisagem do maciço é profundamente marcada pela presença humana, cujo povoamento e conseqüente humanização da paisagem remonta à pré-história, atravessa todos os seus grandes períodos, prolongando-se pelas épocas romana e árabe até aos nossos dias. Esteve sempre mais localizado nos limites da serra e nas grandes depressões, intensificando-se a partir do século XVI até à estrutura actual, relacionado com as actividades económicas e estas com o tipo de recursos valorizados em cada época. A testemunhar essa ocupação humana bastante antiga estão os numerosos vestígios arqueológicos existentes.

A presença do calcário é determinante na definição das características da região sobre o património construído, imprimindo-lhe uma singularidade marcante. Esta rocha

é o principal material usado na construção das habitações, que são essencialmente de dois tipos, consoante se localizem na Beira Serra, onde os terrenos são mais férteis, com casas de dois pisos, emoldurados por alpendre e anexos, e as casas das aldeias serranas, onde a subsistência é mais difícil, e estas se apresentam de piso térreo e anexos exíguos.

Associado aos modos de vida das populações do Maciço, resultantes das condições naturais, do relevo, clima e solo, com particular destaque para a escassez de água à superfície e a presença da pedra, como aliás tão singularmente assinalou Martins (1949), existe um importante conjunto de estruturas de grande valor patrimonial, que merecem realce.

No que ao aproveitamento da água diz respeito, assinalam-se as cisternas, das quais existem diversos tipos e cuja finalidade é o aproveitamento da água das chuvas, as caleiras que conduzem a água para as cisternas e pias naturais, "cavadas" na rocha. Destaca-se a cisterna colectiva de Serro Ventoso, que aproveita uma laje de dimensão assinalável para encaminhar a água para uma cisterna que abastece a povoação.

Da presença da pedra, para além do seu uso nas habitações e nas eiras, assinalam-se construções ímpares, como os abrigos de pastor – as casinas – e os muros, cuja pedra provém da *despedrega* efectuada nos campos para possibilitar o seu aproveitamento agrícola.

CASINA



MUROS



Os muros, para além do importante conjunto de funções que desempenham, como a delimitação dos campos, vedação para o gado, protecção contra a erosão provocada pelo vento e pela chuva, particularmente nas zonas de encosta, constituem uma paisagem de *bocage* de beleza única e de grande valor cultural.

Os moinhos de vento, destinados a *moer o pão*, existiam em grande número, aproveitando-se assim as condições favoráveis de vento existentes na serra. Os que ainda existem constituem um legado patrimonial a justificar a sua urgente manutenção e recuperação.

Contudo, apesar do anteriormente referido, a riqueza patrimonial deste território merece cuidados especiais dado que são diversos e profundos os problemas que enfrenta, nomeadamente no que respeita ao património

natural, grande responsável, como dissemos, pela identidade cultural desta região. As actividades humanas exercidas sobre o meio estão na origem, como seria de esperar, dos principais problemas que ocorrem no Maciço Calcário Estremenho e de que destacamos apenas alguns.

O crescimento urbano sem o devido saneamento básico e respectivo tratamento de efluentes, bem como o aumento significativo de explorações de suinicultura, igualmente sem tratamento de efluentes, a par das indústrias, principalmente de têxteis e curtumes, têm vindo a provocar grandes problemas de poluição dos aquíferos subterrâneos. Esta situação é particularmente grave já que a morfologia cársica de profundidade oferece pouca, ou nenhuma, resistência à livre circulação destes contaminantes no seio do Maciço Calcário Estremenho, considerado como uma importantíssima reserva estratégica de água subterrânea, com as consequências gravíssimas que se podem imaginar.

A destruição do coberto vegetal, tanto pelo fogo como pelo corte irresponsável, nos últimos anos, originado uma desarborização da serra, contribuindo para uma maior secura do escasso solo existente, tornando a sua recuperação morosa. Por outro lado assiste-se à eucaliptização de vastas áreas do maciço, nomeadamente aquelas cujo coberto vegetal natural foi destruído pelo fogo, o que agrava ainda mais as situações de erosão dos solos e secura dos mesmos.

A caça constitui também um dos problemas conhecidos nesta região dado que nela se praticam níveis elevados de actividade cinegética, em muitos casos incompatíveis com a conservação da natureza.

A extracção de inertes, pela dimensão que abrange e área que afecta, aliada a uma legislação que teima em não se aplicar convenientemente, tem provocado um conjunto de impactes muito significativos, com realce muito particular para a descaracterização da paisagem.

Em resumo, falar de territórios calcários – foi utilizado o exemplo do Maciço Calcário Estremenho mas podiam, pelos traços de semelhança que exibem, ter sido citadas as Serras de Sicó e Alvaiázere, por exemplo – é, pois, falar de vastas áreas com inúmeras potencialidades, quaisquer que sejam "os patrimónios" em que sejam equacionadas, devendo ser preservadas e potencializadas, e tidas em consideração pelos contributos essenciais que podem fornecer na definição espacial dos territórios que abrangem.